

TECNOLOGIA LEVE E O CUIDADO DE ENFERMAGEM AOS ADOLESCENTES EM HEMODIÁLISE: ACOLHIMENTO, VÍNCULO E HUMANIZAÇÃO

Islane Costa Ramos

Violante Augusta Batista Braga

Layana de Paula Cavalcante

Introdução: Em meio às doenças crônicas existentes está a Insuficiência Renal Crônica (IRC), caracterizada como uma patologia de instalação gradual, na qual o indivíduo acometido desenvolve dependência de uma terapêutica contínua, a diálise. O impacto causado por uma doença e seu tratamento é diferente de um indivíduo para outro, sendo necessários estudos que valorizem os aspectos integrais do ser humano, de modo a se tornar subsídio para direcionar as ações profissionais, especialmente, as da equipe de enfermagem. Apesar das diversas inovações tecnológicas incorporadas no cuidado à pessoa com insuficiência renal crônica em tratamento hemodialítico percebemos que não existe um olhar diferenciado para a promoção da saúde mental desses sujeitos e pouca ênfase é dada ao uso da tecnologia leve neste contexto, principalmente, quando a clientela pesquisada é o adolescente. Este estudo teve como objetivo avaliar o uso da tecnologia leve na promoção da saúde mental de adolescentes renais crônicos em hemodiálise. Tradicionalmente a assistência às pessoas com doenças crônicas é desenvolvida por meio da rotina que se inicia com o diagnóstico, confirmado por exames, a definição de um tratamento e o acompanhamento para avaliação e ajustes que se fizerem necessários. Este modelo cristalizado precisa abordar também a valorização da subjetividade dos sujeitos e da importância da avaliação que a própria pessoa faz de sua saúde e de sua vida, bem como a implementação de novas tecnologias no cuidado de pessoas para atender as demandas relacionadas ao tratamento hemodialítico, fazendo necessário a inserção de tecnologias leves num contexto onde predomina a tecnologia dura e leve-dura. **Metodologia:** Trata-se de uma investigação convergente-assistencial. A pesquisa foi realizada em uma clínica de diálise que mantém convênio com o Sistema Único de Saúde, referência no atendimento de adolescentes com IRC, localizada no Município de Fortaleza/Ceará, no período de dezembro de 2011 a abril de 2012. Participaram da pesquisa oito adolescentes com diagnóstico de insuficiência renal crônica submetidos ao programa de diálise. Foram critérios de inclusão: estar na faixa etária de adolescência definida pela OMS – 10 a 19 anos; realizar tratamento hemodialítico há mais de seis meses, para que estes pudessem ter experiências quanto ao processo de diálise e isso permitisse uma melhor análise; o turno de diálise que tivesse maior número de adolescentes dialisando no período e aceitar e ser autorizado pelos pais ou responsáveis para participar do estudo. Foi escolhido o grupo de adolescentes que dialisam as segundas, quartas e sextas no 2º turno, devido ser o período que concentra o maior número de adolescentes que dialisam na clínica. Os encontros foram programados para começar uma hora após o início da sessão de diálise, de forma que também fossem finalizados antes do término do tratamento hemodialítico. O horário escolhido para a realização das oficinas levou em consideração as alterações fisiológicas e comportamentais ou intercorrências próprias do processo de diálise, as quais podiam interferir ou impossibilitar o desenvolvimento das mesmas. Foi realizado um encontro por semana, durante dois meses, num total de oito, sob coordenação da pesquisadora, com a colaboração de outra pessoa, uma acadêmica de enfermagem, que foi treinada para a coleta. No primeiro encontro com o grupo foi realizada apresentação dos membros para possibilitar aproximação, conhecer disponibilidade dos participantes, e escolher com os adolescentes o tema que seria trabalhado no próximo encontro, totalizando oito temáticas trabalhadas. Cada encontro do grupo foi dividido em três momentos correspondendo ao começo, meio e fim da oficina, assim planejado: técnica de aquecimento (início); desenvolvimento (apresentação do tema pela moderadora, construção individual e

partilha) e avaliação¹. Foi elaborado um diário individual (fichário) para que cada adolescente registrasse, na entrada e saída de cada encontro, como eles estavam se sentindo. Para realizar a análise das informações coletadas utilizamos o processo de estruturação de Morse e Field, apresentado por Trentini e Paim²: apreensão, síntese, teorização e recontextualização. O projeto de pesquisa foi encaminhado para apreciação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Ceará, sendo aprovado, conforme Parecer nº 226/11. **Resultados:** Para implementação das ações de tecnologia leve, como cuidado de enfermagem, desenvolvemos oito oficinas vivenciais: 1- Conhecendo os participantes do grupo; 2 - Sonhos e sentimentos; 3- A história dos adolescentes; 4- A interação do grupo; 5- Trabalhando as diferenças e valores do grupo; 6- Abordando o tema drogas com os adolescentes; 7- Conhecendo melhor o grupo e 8- Retrospectivas dos encontros. A tecnologia leve se traduz nas relações, relações estas que são essenciais para o processo de cuidado e que devem estar imbricadas à atitude do profissional, e que por vez refletem o seu modo de ser, a sua subjetividade, e o que ela representa no seu cotidiano profissional. O termo tecnologia leve se remete ao processo de relações inerente a qualquer encontro entre usuário e profissional, pelo seu caráter relacional, que anuncia certa forma de agir entre os sujeitos implicados com a produção de saúde³. No campo da saúde, embora as categorias tecnológicas sejam inter-relacionadas, não deve prevalecer a lógica do trabalho morto, aquele expresso nos equipamentos e saberes estruturados. O ser humano necessita das tecnologias de relações, produção do conhecimento, comunicação, acolhimento, vínculos e autonomização, denominadas “tecnologias leves. As tecnologias têm sempre como referência o trabalho que se revela como ação intencional sobre a realidade, na busca de produção de bens/produtos que, necessariamente, não são materiais duros, palpáveis, porém podem ser simbólicos⁴. **Conclusão:** Desse modo, reforçamos a importância da implementação de estratégias com a utilização de tecnologia leve neste cenário, como alternativa que poderá trazer resultados efetivos na promoção da saúde mental, do bem-estar e da descoberta das potencialidades destes adolescentes, que precisam compreender que a doença crônica é um desafio que não pode ser visto como uma sentença ou fim, até porque são pessoas jovens e com sonhos, que apenas podem estar adormecidas. A sistematização do cuidado de enfermagem necessita de caminhos que valorizem as influências biopsicossociais no processo de adoecer, tornando-se necessária a percepção do paciente como ser humano e cidadão. Assim, a criação e a manutenção do ambiente terapêutico mobilizador e da interação profissional-paciente fazem-se constantes, sendo de responsabilidade dos profissionais de saúde e dos serviços proporcionar condições adequadas para o desenvolvimento de novas práticas. Com base nos resultados, consideramos que a utilização da tecnologia leve como cuidado de enfermagem favoreceu a promoção da saúde mental dos adolescentes em tratamento hemodialítico, trabalhando aspectos relacionados ao acolhimento, vínculo e humanização, constituindo-se em um importante instrumental na assistência desta clientela.

Descritores: Enfermagem. Diálise renal. Tecnologia leve.

Referências

- SOUZA, AMA. Coordenação de grupos: aspectos técnicos. In: SOUZA, A. M. A. (Org.). Coordenação de grupos: teoria, prática e pesquisa. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2011.
- TRENTINI, M.; PAIM, L. Pesquisa em Enfermagem: uma modalidade convergente-assistencial. Florianópolis: Editora UFSV, 1999.
- MERHY, EE. Um dos Grandes Desafios para os Gestores do SUS: apostar em novos modos de fabricar os modelos de atenção. In: MERHY, E. E. O Trabalho em Saúde: olhando e experienciando o SUS no cotidiano. São Paulo: HUCITEC, 2003.
- ROSSO, FR; LIMA, MADS. Acolhimento: tecnologia leve nos processos gerenciais do enfermeiro. Rev. Bras. Enferm., v. 58, n. 3, p. 305-310, maio/jun. 2005.